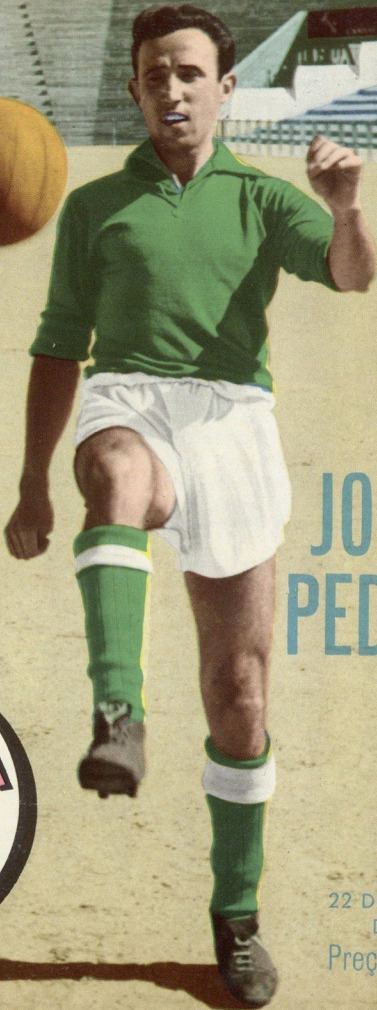
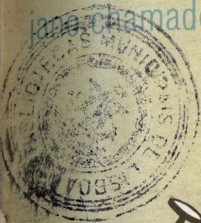


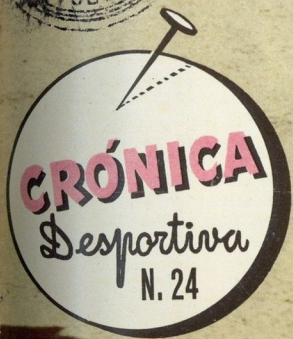
DEPOSITO LEGAL  
OUT. 1957



NESTE NÚMERO:  
A história de um  
rapazinho alente-  
jano, chamado



JOSÉ  
PEDRO...



22 DE SETEMBRO  
DE 1957  
Preço - 1\$50

DEPOSITO LEGAL

OUT. 1957

AS CAPAS DESTA REVISTA SÃO  
REPRODUÇÃO FOTOLITOGRAFICA  
E IMPRESSÃO OFFSET DA  
FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA.  
RUA DA ROSA, 273 E 277 LISBOA TELEF. 20958



MÁRIO DE AGUIAR APRESENTA

# CRÓNICA DESPORTIVA

N.º 24 — 22-9-1957

Director e Editor: VASCO SANTOS  
Redacção e Administração: Rua Saraiva  
de Carvalho, 207 — Telefones: 66 86 39  
e 66 86 84 — Propriedade de AGUIAR

& DIAS, LDA.—Distribuição da AGENCIA  
PORTUGUESA DE REVISTAS — Com-  
posto e impresso nas oficinas da E. N. P  
(Anuário Comercial de Portugal)

## Depois do Sporting e do F. C. Porto cabe ao Benfica disputar a «taça dos campeões europeus»

é esta a terceira época em que se disputa o torneio da «Taça dos Campeões Europeus» em futebol, prova esta que se reveste de importância excepcional, dado o valor das equipas concorrentes. Organizado pela primeira vez em 1955, foi nesse ano confiada ao Sporting C. P., a representação nacional. Coube aos «leões» defrontarem uma das mais fortes equipas do Torneio — o Partizan de Belgrado. O primeiro encontro realizado em Lisboa no Estádio Nacional em 5 de Setembro terminou com as equipas igualadas no marcador (3-3).

Alinharam pelo Sporting: — Carlos Gomes; Caldeira, Passos e Galaz; Barros e Juca; Hugo, Vasques, Martins, Travaços e Quim.

Ao intervalo o resultado era de 1-1, golos de Martins e Bobek, e na 2.ª parte o resultado final 8, estabelecido por intermédio de Quim, Martins e Bobek (2). O célebre interior direito Bobek com três golos marcados foi a grande figura do encontro.

Em 14 de Outubro do mesmo ano o Sporting deslocou-se a Belgrado para disputar o segundo encontro, tendo sido derrotado por 5-2, e apresentado a seguinte constituição: — Carlos Gomes; Pacheco, Passos e Galaz; Barros e Juca; Vasques, Travaços, Walter, J. José e Martins.

Ao intervalo (2-0) dois remates certos do interior direito Milutinovich (Bobek jogou a interior esquerdo...) que no segundo tempo marcou mais dois golos tendo o outro remate certo da sua equipa Jocić. Walter foi o autor dos dois pontos «leoninos». A maior figura no terreno foi o famoso Milutinovich autor de 4 tentos.

A final deste primeiro torneio foi disputada em Paris entre o Real Madrid e Stade Reims, cabendo a vitória à equipa espanhola.

\*

Em 1956 foi a vez do F. C. do Porto. Primeiramente nas Antas, onde os portistas deixaram que o Bilbao obtivesse o triunfo (2-1). Alinharam pelo Porto: — Acúrsio; Virgílio, Arcanjo e Osvaldo; Pedroto e Monteiro da Costa; Hernâni, Gastão, Jaburu.

Colo do Partizan, no Estádio Nacional, contra o Sporting



A final do Torneio foi disputada em Chamartin e de novo o Real Madrid obteve o cobiçado título vencendo o Florentino por 2-1. Uma proeza deveras notável e muito difícil de igualar.

Nesta terceira edição, compete ao Benfica representar o pavilhão português. Tarefa difícil. Como aconteceu ao seu antecessor, terá por adversário um dos representantes do país que até aqui tem empunhado o ceptro do futebol europeu interclubes.

Confiemos que o glorioso Benfica saia prestigiado da tremenda luta em que se acha empenhado na semana que transcorre.



Um defesa do Atlético de Bilbao despacha a bola, que Teixeira pretendia aproveitar.

Golo do F. C. do Porto! Gastão sente-se um homem forte, e Perdigão sorri, agarrado à perna de um adversário...

Perdigão e José Maria. Ao intervalo, Porto, 0; Bilbao 1, golo de Gainza. No segundo tempo José Maria e Cañito fizeram o resultado.

No segundo encontro disputado em Bilbao, por pouco se registava uma surpresa.

Os campeões portugueses desfrutavam da vantagem de ao intervalo (2-1, golos de Hernâni, Carlos Duarte e Marceida). No segundo período Arteche por duas vezes anulou o esforço dos portistas, necessário se tornando, porém, a marcação duma grande penalidade que suscitou muitas dúvidas. Em relação ao encontro anterior, no F. C. do Porto derivou Hernâni para interior direito, entrando Carlos Duarte para extremo e saindo Gastão..

A equipa do Partizan, no estádio de Belgrado. A moda oriental, todos os jogadores empunham ramos de flores...



Eis três fases que têm tanto de curiosas como de um bocadinho violentas: na primeira, o defesa alemão Ertl, subtiliza a bola ao avançado russo Tatouchine, à margens das leis, pois faz jogo perigoso.

De tal maneira que o outro defesa a alemão o deixa transparecer na atitude, um movimento de recuo.

Na segunda, a confusão é de tal ordem que nos leva a lamentar: pobre «Keeper»!

Trata-se de uma acção de ataque dos avançados do Chelsea, neutralizada facilmente como vêem, pelo célebre alemão Trantmann, guardião do Manchester City.

Na terceira ve-se o guarda-redes do Roubeix, Desmmeaux,



## SEM AMOR AO "FÍSICO" ...

com evidente desprezo pela integridade física própria e alheia, «voar» por entre adversários e «olegas», para ir socar uma bola...

Muito pouco amor ao «físico... mostraram estes rapazes!



## SABER ATIRAR ÁGUA...



Quando os ciclistas percorrem as estradas cobertas de pó, e sob um sol abrasador, sabe-lhes bem serem refrescados com baldes de água. Todavia, nem todos os solícitos «refrescadores» da estrada sabem desempenhar-se da tarefa. Lançar um jacto de água directamente sobre o corpo ou cara de um ciclista, por exemplo, não é das coisas mais agradáveis, além de que pode até provocar desequilíbrio... A imagem mostra como se deve «dar banho» aos estradistas — como eles gostam!

## QUARENTA METROS... DE CHUVEIRO!

A cena passou-se no Estádio do Restelo, justamente quando o sol estava a pino e o calor mais apertava.

Dois jogadores do Belenenses — o reservista Bezerra e o junior Vítor — resolveram tomar um duche... a andar. Tal foi possível percorrendo a tubagem de regas do campo, que mede quarenta metros, e que no momento estava em pleno funcionamento. Foi um passeio fresquinho, melhor do que estar na praia — disseram os improvisados banhistas do Restelo...



# OS ATLETAS PORTUGUESES JÁ VENCERAM 3 VEZES A ESPANHA

Um Portugal-Espanha, é sempre um Portugal-Espanha, seja qual for a modalidade em que os dois países ibéricos se defrontem.

Estamos em véspera de novo embate, desta vez em atletismo. Trata-se do oitavo encontro. Até agora a vantagem pende para a Espanha por 4-3 vitórias.

É interessante evocar as três grandes vitórias dos nossos atletas. A primeira registou-se no III Portugal-Espanha, disputado na pista do Lumiar em Setembro de 1946. A classificação final foi-nos favorável por 112 pontos e 14 vitórias, contra 71 pontos e 5 vitórias. No triunfo da nossa equipa destacaram-se sobretudo as acções de Franco e recorde nacional e ibérico) e venceu folgadoamente os 1500 metros, Montalvão, que no salto à vara obteve o triunfo e estabeleceu novo máximo do norte (3,55), Sampaio Peixoto, impressionante também conheceu novo máximo, 50,81), João Silva e Afonso Marques, 1.º e 2.º dos 5000 metros e que cedo deslocaram os adversários, como fariam depois nos 10000 metros em que voltaram a repetir a mesma classificação, Luís Alcide, 14,50 no triplo-salto (recorde nacional e ibérico) e Manuel da Silva que no martelo, 48,41 também obteve o máximo nacional e ibérico.

Em Agosto de 1950, disputou-se o 5.º encontro na pista do Estádio Nacional. Desta vez o triunfo foi mais discutido, visto a equipa lusitana ter somado 109 pontos contra 101. Na equipa nacional destacou-se a boa forma de Álvaro Dias, belíssimo no salto em comprimento (7,29), Luís Alcide no triplo-salto, (14,76 e novo recorde), a equipa de estafetas a 4x400 (Casimiro, Canhão, Natel e Artur Dias) que obteve um bom triunfo e se apossou do recorde (3,26,5). A base da nossa vitória neste encontro esteve nos segundos planos os quais obtiveram a maioria dos segundos e terceiros lugares, justificação essa do triunfo final visto a Espanha ter averbado nas 18 provas do programa, 12 triunfos individuais.

A nossa última vitória foi averbada no ano passado, em 28 e 29 de Julho, no Estádio Alvalade.

Foram os seguintes os vencedores (pela ordem por que se disputaram as provas):

110 m. barr. — Matos Fernandes (P), 14 s. 8/10 (novo recorde nacional).

200 m. — António Faria (P), 22,2.

Peso — Vidal Quadros (E.), 14,39 (novo recorde de Espanha).

800 m. — Barris (E), 1 m. 54,4 s.

Vara — Adarraga (E), 3,70.

5.000 — Manuel Faria (P), 14 m. 53 s.

Obstáculos — José Araújo (P) 9 m. 30,2 s.

Comprimento — Matos Fernandes (P), 7,03 m.

Martelo — Eng. Albuquerque (P), 48,39 m.

4x400 m. — Portugal (Chaves-Gonçalves.Cameira-Castro), 3 m. 26,1 s.

400 m. barr. — Correia Branco (P), 57 s.

100 m. — A. Faria (P), 10,7.

Altura — Arino (E), 1,83 m.

Disco — Quadra Salcedo (E.), 47,57 m.

1.500 m. — Barris (E) 3 m. 58,4.

400 m. — F. Castro (P), 50 s. 2/10.

Triplo-salto — Rui Ramos (P), 14,13 m.

10.000 m. — Amorós (E.), 31 m. 29 s. 6/10.

Dardo — Appelaniz (E.), 59,40 m.

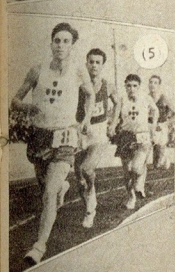
4x100 m. — Espanha, 43,8.

Pontuação final: Portugal, 108 — Espanha, 102.

# IMAGENS DO III PORTUGAL-ESPANHA



(1) Bastos e José Vicente, no princípio da prova dos 800 metros, com os espanhóis Peltinto e Blanco



(2) Montalvão, vence no salto à vara



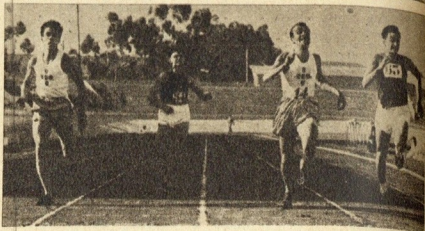
(3) Edgar Tamegão, vencedor do salto em comprimento

(4) Os capitães abraçam-se

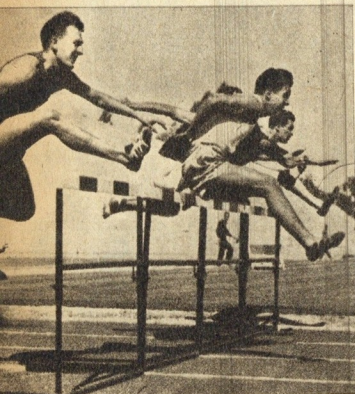
(5) João Silva, vencedor dos 5.000 e 10.000, correndo na prova 5.000



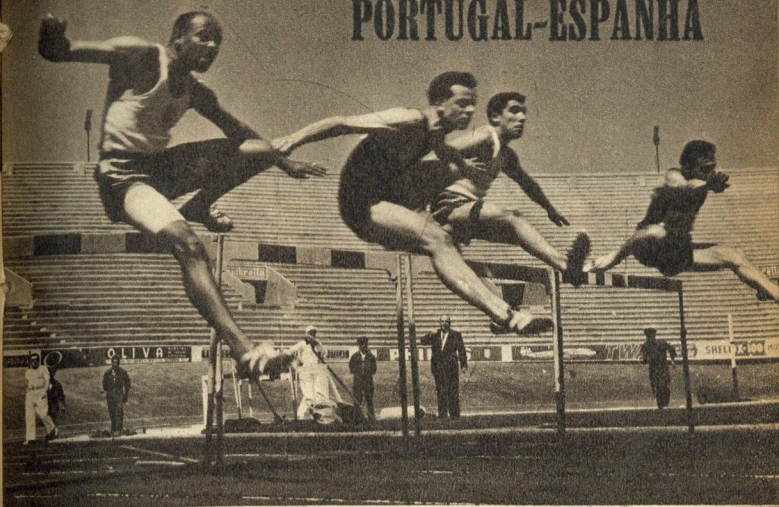
(Continua na pág. 18)



## IMAGENS DO II PORTUGAL-ESPANHA

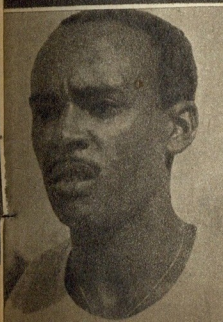


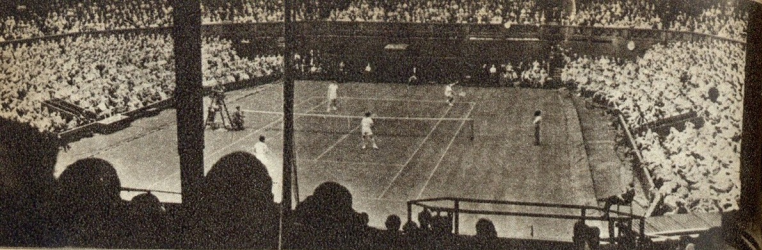
## IMAGENS DO ÚLTIMO PORTUGAL-ESPANHA



Em barreiras, no último Portugal-Espanha brilharam Matos Fernandes e Correia Branco

Matos, Fernandes, Manuel da Silva e Tomás Paquete, os atletas que venceram os espanhóis e continuam na liça





Um aspecto de Wimbledon durante uma das partidas de ténistas para o Campeonato do Mundo

Em Desporto, como na vida, a lei das lesões é implacável. Poucos são os praticantes de qualquer modalidade que não lhe tenham sofrido os efeitos com mais ou menos violência. Nomes grandes e pequenos foram afastados, para sempre, vítimas de lesões que não perdoam.

E destes, merece citação especial o jogador de ténis. Com efeito, os ténistas, para

## MENISCOS, DISTENSÕES, ENTORSES E FRACTURAS também são uma praga no Ténis!



poderem dar todo o seu rendimento têm necessidade de estar em condições morais e físicas excepcionais, porque o ténis (embora haja quem suponha o contrário) é dos desportos mais violentos e que exige de quem o pratica um esforço mental e físico constante.

O ténista não pode ter um momento de desatenção, porque lhe pode causar a derrota ou estar impossibilitado de responder aos golpes do adversário no momento e no lugar próprios.

As distensões musculares, meniscos, frac-

**O australiano Lew Hoad, na companhia de sua esposa, que por ter fracturado as costelas perdeu os títulos de Campeão da Austrália e da França**

turas, entorses, alongamentos nos pés e nas mãos, bem como a fadiga mental, são as lesões mais frequentes.

Recordem-se os nomes dos grandes ténistas de fama mundial, que por causa de lesões foram afastados dos «courts» por mais ou menos tempo:

Lew Hoad, o australiano que ganhou os campeonatos da França e da Austrália, forçado a repousar durante muitos meses, para se restabelecer de uma fractura de costelas. Quando voltou ao jogo a sua baixa de forma era tão acentuada que teve de treinar bastante tempo para a readquirir. Hoad perdeu por essa razão os títulos que tão brilhantemente havia ganhado. A fractura é um verdadeiro pesadelo para os ténistas.

Outro caso curioso foi o do inglês Drobny numa partida disputada em Wimbledon, frente ao famoso americano Budge Patty, que durou quatro horas e em que para decidir o vencedor foi preciso uma maratona de noventa e três jogos. Tanto Drobny (o vencedor) como Patty (o vencido) terminaram completamente exaustos. Drobny teve de repousar durante quatro meses para se restabelecer e tratar dos ferimentos que sofreu nos pés durante aquela violenta partida.

Ângela Mortimer, Miss Buxton, Shirley Bloomer, Denis Compton, Joy Mortran, etc. foram forçados a estar afastados dos «courts» por períodos que variaram entre dois e doze meses, ausência motivada por entorses, meniscos, e fadiga mental.

Nem tudo são rosas no desporto...



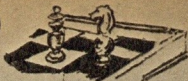
Shirley Bloomer, afastada dos «courts» devido a impertinente menisco

Patty (direita) e Drobny (esquerda) completamente exaustos ao fim da partida que durou quatro horas



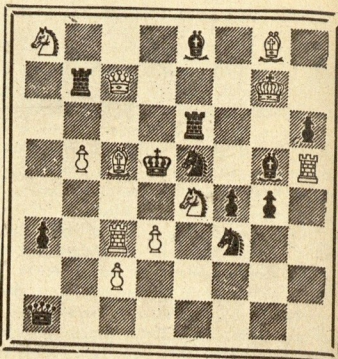
### Profissionalismo caseiro

Carol Francis, nadadora de 12 anos de idade, natural de Peckman, Inglaterra, esteve quase a ser considerada profissional, pelo facto de seu pai lhe ter dado uma nota de libra, após ter ganhado duas provas. O incidente, que levantou polémica, foi descrito pelo secretário da A. S. A. como «autêntico disparate», o que levou os directores do organismo dirigente a «esquecê-lo».



# Xadrez

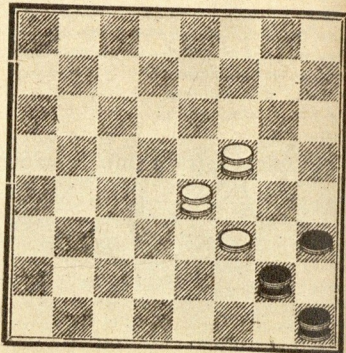
E. M. HASSBERG  
Four Pen Wang Tourney (U. S. A.)



Mate em dois lances

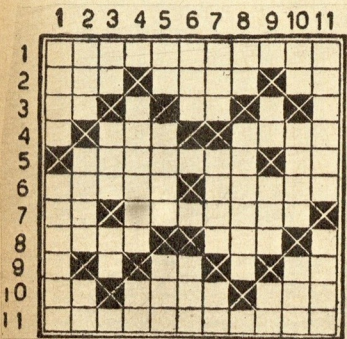
# Damas

JORGE G. FERNANDES



Jogam as brancas e ganham

# Palavras cruzadas



**HORIZONTAIS:** — 1 — Modalidade desportiva. 2 — Eternidade; cursos de água; aqui. 3 — Pão; jogador do Sporting. 4 — Calamidade; engana-se. 5 — jogador do Sporting; viração. 6 — Instrumento musical; italiano. 7 — Art. pl. «internacional B» de futebol. 8 — Jogador do Marítimo; adora. 9. — Catedral; base. 10 — Símbolo químico do amónio; prefixo designativo de quase; itinerário; nutritivo.

**VERTICAIS:** — 1 — Apelido de um categorizado velejador; entrada. 2 — Parente; Treinador estrangeiro; nulo. 3 — Isolado; média; numeral. 4 — Sensual; consoante dobrada. 5 — Cidade da antiga Caldeia; pedra calcárea dura empregada em cantaria e estátuária; parte de um jogo em certos desportos. 6 — Aqui está; ave pernalta. 7 — Corda de reboque; terreno para seca; prefixo designativo de inversão. 8 — Estás; grinalda. 9 — Nome de mulher; observei. 10 — Língua que se falava outrora ao sul do Loire (França); peneira; carlinga do navio. 11 — Antigo atleta olímpico, pericido em Estocolmo; fiel.

# « M. R. CHIPS »

A bela amazona Sheila Willcox que conta apenas 21 anos, pode ser considerada a única mulher em todo o mundo que concorre à «Prova Equestre dos Três Dias», competição reservada apenas a cavaleiros e cavalos muito experimentados.

Para se avaliar da dureza deste género hípico, basta mencionar que a ela não puderam concorrer mulheres durante as provas olímpicas que se disputaram em Estocolmo, por se julgar violento de mais para elas.

O programa de provas, que se disputam em três dias consecutivos, consiste:

Primeiro dia: Volteio, e serve para verificar a coordenação entre cavalo e cavaleiro, por intermédio de uma série de exercícios feitos para ver como o cavalo reage ao mínimo desejo do cavaleiro, apenas comunicado por ligeiro movimento do saim ou rédeas.

Segundo dia: Corta-mato, num percurso superior a vinte a sete quilómetros, em terreno acidentadíssimo e que serve para julgar da resistência física e técnica quer do cavalo quer do cavaleiro.

Terceiro dia: Saltos, cuja finalidade é observar se o cavalo, depois de dois dias de duras provas, revea a flexibilidade a energia e obediência.

Natural de Sullton Codfield, Warwickshire (Inglaterra) Sheila teve aos quatro anos de idade, o seu primeiro «poney». Aos sete já ganhava concursos hípicos juvenis, montando o «Folly». Até aos dezassete anos, Sheila esteve sempre em evidência na categoria de juniores, passando depois à categoria de senior. Os pais da amazona puseram certas evasivas quanto ao futuro desportivo da filha, contudo acabaram por aprovar a decisão dela se dedicar àquele desporto.

O primeiro grande êxito de Sheila Willcox foi em 1954, quando, montando «Blith Spirit» — cavalo que ela própria treinou — mereceu o «International House Show». Seguiu-se uma digressão triunfal pela América do Sul, onde descobriu e comprou «Mr. Chips» (cujo nome primitivo era «Alto e Poderoso» e pertencia a uma amazona desconhecida).

Sheila educou e treinou o cavalo e com ele venceu no último triénio, três grandes concursos internacionais: 1955 — o «Concurso Internacional Equestre» de Turim; 1956 — foi primeira na Prova Equestre dos Três Dias de Harewood e segunda na mesma competição em Badmiton e é favorita em Harewood. Note-se, que devido às características deste terreno, apenas se realizam presentemente dois na Inglaterra: Na Primavera, em Badmiton; e no Outono, em Harewood.

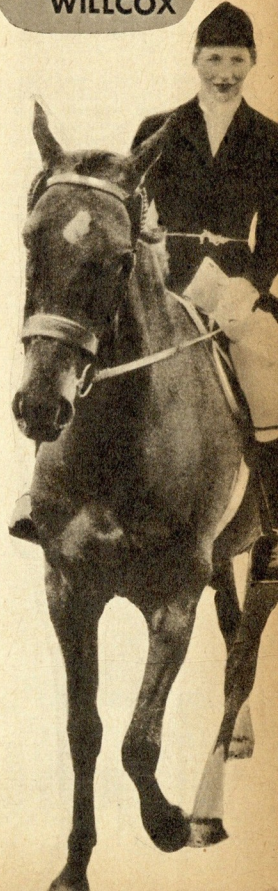
Embora «Miss» Wilcox não tenha sido integrada no grupo olímpico, pelas circunstâncias já referidas. «Mr. Chips» foi seleccionado para ir a Estocolmo. Depois de várias conferências de família (mas contra a vontade da proprietária) o cavalo foi vendido ao cavaleiro olímpico Ted Marsh.

«Mr. Chips», instintivamente, também reagiu à transacção e durante as provas preliminares apresentou-se sempre a coxear, pelo que foi dispensado da «glória olímpica», e da viagem a Estocolmo.

Ted Marsh compreendeu que o verdadeiro lugar do caprichoso campeão era no estábulo de «Miss» Sheila pelo que o tornou a vender à sua anterior proprietária.

Sheila Willcox diz que a origem dos seus êxitos e de «Mr. Chips» é ambos terem o mesmo temperamento: «São calmos e nunca se irritam...».

DO CAVALO DA GRANDE AMAZONA SHEILA WILLCOX





## Esta semana fazem anos...

Os aniversários que assinalamos para esta semana, em número de nove têm a particularidade de se distribuírem equitativamente por três dias. No dia 24, fazem anos: Vicente (Belenenses), Manteigueiro (Sporting da Covilhã) e Rui André (Torrienses); no dia 26: Celestino e André (Cuf) e Silveira (V. de Guimarães); no dia 28: Fernandes (Oriental), Amílcar (Covilhã) e Inácio (Belenenses).

**Vicente Lucas** nasceu em Munhuana (Loureiro Marques) em 24 de Setembro de 1935 e alinhava no «1.º de Maio». Já foi internacional «B» e militar. Completa 22 anos.

**Francisco Pinto Manteigueiro** e **Rui Jorge André dos Santos** nasceram no mesmo dia — o primeiro na Covilhã e o segundo em Torres Vedras. Ambos foram juniores dos clubes das respectivas terras e não representaram outros clubes ainda.

Em 26 de Setembro de 1927 nasceu em Vila Viçosa, **Celestino Conceição Santos**. Foi junior da Cuf do Barreiro, clube que representa desde 1943-44.

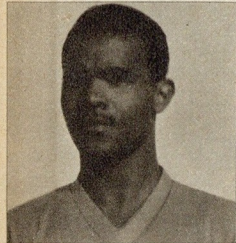
Em 26 de Setembro de 1929 nasceram **António Baptista André** e **José Silveira Júnior**. Este último é natural de Angústias-Horta (Açores) e começou a jogar no Sporting C. Horta em 1949-50. Em 1952-53 ingressou no V. de Guimarães.

**António André** é natural de Loulé e começou a sua carreira nos juniores do V. de Setúbal em 1947-48. Ingressou na Cuf em 1955-56.

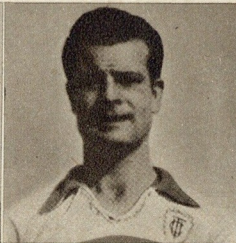
Em 28 de Setembro de 1931 nasceu em Lisboa, **Joaquim José Fernandes**. Junior do Casa Pia em 1948-49, veio a ingressar no Oriental em 1954-55.

Em 28 de Setembro de 1935 nasceu em Vila Real de Santo António, **Amílcar Aquino Gonçalves**. Representando o Lusitano F. C. de 1952-53 a 1955-56, transitou na época passada para os «Leões da Serra».

Finalmente, em 28 de Setembro de 1935, nasceu em Lisboa, o promissor interior belenense **Álvaro Santos Fortes Inácio**, que completa no sábado próximo apenas 22 anos. Representa desde 1952-53 o Belenenses e foi já internacional-junior e capitão desta selecção nacional juvenil.



VICENTE



CELESTINO



INÁCIO

## Soluções dos passatempos deste número

**XADREZ** — 1 — Bf 2. **DAMAS**: — 18-31 e 31-24.

**PALAVRAS CRUZADAS** — **Hor.:** 1 — Basquetebol. 2 — Evo, Rios, cá. 3 — Ló, Sá. 4 — Mal, erra. 5 — Perides, ar. Piano; italo. 7 — Os, Azevedo. 8 — Raul; ama. 9 — Sé, pé. 10 — Am., Semi. Via. 11 — Substancial. **Vert.:** 1 — Belo, portas. 2 — Avó, Pisa mú. 3 — Só, meã, um. 4 — Carnal, SS. 5 — Ur, lioz, «set». 6 — Eis ema. 7 — Toa, eira, in. 8 És, estema. 9 — Ir, Ada, vi. 10 — Oc, ralo, pia. 11 — Lázaro, leal.

**Foto-enigma** — Egipto, 1-0, em Évora.



TACTICA INGENUA... — Vou surpreendê-los do outro lado.

## SABE QUE EQUIPA É ESTA ?

Reconhece-os, leitor amigo? Barbosa, Falé, Oliveira, Moreira, Vicente, Vital, Rocha, Faia, Hernâni, Coluna e José Pedro. Um bom conjunto, incontestavelmente. Pois perdeu inexplicavelmente contra... Contra que selecção militar, leitor? Por quantos? Em que campo? Respostas na página 14.





O venerando Chefe do Estado escutando a alocação do representante da juventude alcantarenses

Agora que muito se fala em arrelvamento de campos, e que tudo são facilidades para esse efeito, vem a propósito lembrar que o o rectângulo relvado da Tapadinha foi inaugurado em 23 de Setembro de 1945 — faz amanhã doze anos.

Os ventos da fortuna não correm hoje a favor do Atlético — que ao tempo acabara de ascender à I Divisão e agora está na II — mas nem por isso, de modo algum, deixaremos de assinalar essa data festiva para a popular colectividade de Alcântara e Santo Amaro.

No encontro Benfica-Belenenses, Mário Rui rematando de cabeça obtém um dos golos do Benfica



Faz amanhã doze anos. Houve, sim, nesse terceiro domingo de Setembro de 1945, festa rija no Estádio da Tapadinha e a ela se dignou assistir o saudosos presidente da República e sempre tão simpático para os desportistas, o então General Carmona.

A primeira equipa do Atlético que jogou na Tapadinha «rejuvenescida»



# O RELVADO DA TAPADINHA faz amanhã 12 anos!



No encontro Sporting-Atlético vê-se o guarda-redes Correia em jogada que acarretaria um castigo máximo contra o seu clube

Inauguraram-se nesse dia vários melhoramentos dos quais avultou o relvado que tão precioso tem sido. Disputaram-se dois encontros e no primeiro entre o Benfica e Belenenses que terminaram empatados 4-4, alinharam. BENFICA: Rosa; Caspar e Cerqueira; Jacinto, Moreira e César Ferreira; Mário Rui, Arsénio, E. Santo, Teixeira II e Rogério. BELENENSES: Capela; Vasco e Feliciano; Sérgio I, Comes e Serafim, M. Coelho, Eloi, Quaresma, José Pedro e Rafael.

O primeiro golo no novo relvado foi obtido aos 18 minutos por Mário Coelho.

Seguidamente o Sporting derrotou o «onze» do clube em festa, vencendo por 6-0 e alinhando: — Azevedo; Cardoso e Manuel Marques; Juvenal, Veríssimo e Lourenço, J. Correia, A. Ferreira, Sidónio, A. Marques e Albano. ATLÉTICO: — Correia; Baptista e Ventura; José Lopes, Gregório e Francisco Lopes; Micael, Armando, Conceição, Rogério e Marques.

Já lá vão doze anos. Neste momento em que o popular Atlético Clube Portugal está enviando os maiores esforços para voltar ao convívio dos «grandes», dirigimos-lhe um aceno de simpatia e votos para que o seu «relvado» torne em breve a ser pisado pelos clubes que o inauguraram!...

MÁRIO COELHO que marcou o 1.º golo no novo relvado



Acostumado às goleadas do Sporting

# O LUSITANO DE ÉVORA

manteve-se invicto contra os «leões» na época passada



É verdade. Nos últimos cinco anos, o Sporting obteve, em Lisboa, os seguintes resultados contra o Lusitano: 7-0, 9-0, 9-1, 0-0 ... e 1-1.

Houve pois grande diferença na época transacta, tanto mais accentuada quanto é certo que, em Évora, os eborenses chegaram mesmo ao vencer. Este último facto, porém, nada tem de extraordinário porquanto o Lusitano, em «casa», empata ou ganha normalmente ao Sporting (2-0, 3-3, 2-1, 1-1 e 2-1, no mesmo período que aludimos).

O resultado do ano passado confirmou a excelente temporada que vinha fazendo o campeão alentejano. Corria-se a 16.ª jornada, e, em Alvalade, alinharam:

**Sporting:** Carlos Gomes; Galaz, Passos e Pacheco; Perides e Osvaldinho; Hugo, Gabriel, Pompeu, Travassos e Martins. **Lusitano:** Vital; Polido, Falé e Paixão; Vieirinha e Athos; Posé Pedro, Flora, Caraga, Vicente e Batalha.

Os eborenses adoptaram uma tática defensiva, que os «leões» não souberam anular, ainda que atacassem em massa. Repare-se na fotografia que publicamos — uma imagem desse jogo — em que a defesa Pacheco aparece ao ataque, junto de Travaços, assim como Flora (interior visitante) está à defesa... Em evidência, no lance, surge Polido, o discutido jogador do Lusitano, que esteve há pouco em negociações com... o Sporting, justamente!

## Os atletas portugueses já venceram 3 vezes a Espanha

(Continuação da pág. 6)

Pela tabela portuguesa, os melhores resultados técnicos deste encontro foram: Disco, 110 m. b., 100 m., comprimento, 1.500 m., 200 m. e altura.

As vitórias dos espanhóis foram averbadas nos seguintes anos: 1925, por 51-30 pontos; 1926, por 41-40 pontos; 1946, por 97,5-86,5 pontos; 1951, tendo os portugueses vencido dez das vinte provas, e batido cinco recordes nacionais, quatro deles ibéricos.

Vamos disputar o oitavo Portugal-Espanha, em Barcelona. Segundo nos confidenciou o técnico da selecção portuguesa, prof. Fernando Ferreira, trata-se de um encontro em que normalmente devemos perder. O principal factor contrário é a deslocação, pois tem-se verificado que vence a equipa que actua em «casa». Existindo grande equilíbrio de forças, é de esperar, por parte dos portugueses pelo menos boa luta...

\* Portugal foi o segundo país do mundo a emitir selos de índole desportiva.

\* Grécia, Portugal e Colónia inglesa do Cabo de Boa Esperança — os emissores filatélico-desportivos do Século XIX.

\* O selo com a efigie de Baden-Powell, o precursor do escutismo, vale hoje cerca de cinco mil escudos!



Publicámos já os selos desportivos emitidos em Portugal e Grécia — estes os primeiros que circularam no mundo, ou seja, a emissão comemorativa dos primeiros Jogos Olímpicos da era moderna, 1896.

Como o primeiro selo português — com motivo de desporto (o tiro) foi emitido em 1899, e não tendo havido entretanto outros selos desportivos, segundo averiguamos mediante consulta do «Catálogo Sport» Landmans, conclui-se que Portugal foi o segundo país do Mundo a emitir um selo de carácter desportivo. Tratando-se de um país onde pouco se tem ligado à filatelia desportiva, quer em número, quer em qualidade, o caso não deixa de ser curioso.

CURIOSIDADES  
FILATÉLICAS...

Com a publicação dos selos do Cabo de Boa Esperança (emissão do assédio de Mafeking), fechamos a série estampilhas de índole desportiva do Século XIX.

Esta última emissão data de 9 de Abril de 1900 e é mais cara que qualquer das que temos referido. Um exemplar novo custa pelo menos cinco contos. A série, de três selos, custa cerca de dez contos.

Trata-se de exemplares raríssimos, valiosos não do ponto de vista desportivo (que, confessemos, é um tanto vago), mas sim, histórico. É que estes selos foram emitidos durante o assédio de Mafeking, capital do Protectorado

de Bechuanaland, no Cabo da Boa Esperança. Rebentara a guerra anglo-boer em Outubro de 1899, com a invasão de tropas inglesas no território da república independente do Transval, habitada em grande parte por colonos de origem holandesa. As forças «boers» ripostaram invadindo a colónia inglesa do Cabo de Boa Esperança, cuja fortaleza era defendida pelo coronel Baden Powell. Um punhado de jovens defenderam-na tão bem, que, crê-se, daí nasceu a ideia de Baden Powell de criar um corpo de escutistas, com fins pacíficos.

Emitiram-se então os selos para circulação local da colónia — um com um sargento em bicicleta e outro com a efigie do coronel Baden Powell, o precursor do escutismo, ambos impressos em azul celeste. Do último há duas espécies — um com a dimensão de 18x22 mm., avaliado em 3.500\$00 em novo e 700\$00, usado; e outro, de formato 21x24 mm., cotado em 5.000\$00 e 1.500\$00, conforme for novo ou usado.

Como se verifica, a ideia desportiva é nestes selos como que acidental. O tema é demasiado bélico para ser puramente desportivo... Aliás o «Catálogo-Sport» a que nos reportámos inclui-os na terceira secção: organização pró-desportiva para a juventude.

Dada a dificuldade da sua aquisição e àquele factor que apontámos, achamos que os coleccionadores filatélico-desportivos não devem desgostar-se por não verem incluídos nas suas colecções os selos de Mafeking...

Não faltarão exemplares, muito belos, vistosos, e estritamente de índole desportiva, para enriquecerem as colecções de selos dedicados ao desporto.

## RECORDANDO...

# O BELENENSES BATEU O BRAGA POR 5-0 NO PRIMEIRO ENCONTRO ENTRE AQUELES CLUBES

O primeiro Belenenses-Braga realizou-se em 5 de Dezembro de 1948, nas Salésias, e redundou numa clara vitória dos «azuis», por 5-0. Quatro remates de Vicente do Ó e uma grande penalidade fizeram o resultado.

Alinharam nesse encontro: **Belenenses** — Sérgio, A. Figueiredo e Serafim (cap.); Rebelo, Feliciano e David; Nunes, Vicente do Ó, Sidónio, Duarte e Narciso. **Braga** — Cesário; Palmeiro e Joaquim; Daniel, Sobral e A. Marques; Mário, Elói, Álvaro Pereira, Diamantino e Frederico.

O jornal «A Bola» descreve que ao intervalo, os «azuis» já ganhavam por 3-0, golos marcados aos 18, aos 25 e aos 38 minutos, os dois primeiros por intermédio de Vicente e o último por Feliciano, na conversão de uma grande penalidade. Quando marcou o primeiro tento, Vicente estava no centro do terreno e apontou para o lado esquerdo do guarda-redes, que ainda tocou no esférico, deixando-o porém resvalar para além do limite fatal. O segundo tento teve origem num centro longo de Nunes; ao pretender apontar o perigo o defesa bracarense Palmeiro facilitou o remate do marcador...

No segundo tempo, o Belenenses aumentou a vantagem com mais um par de tentos, ambos «assinados» também, pelo seu interior direito. Aos 18 m. do recomeço,

# ...MAS OS MINHOTOS DESFORRARAM-SE 6 ANOS MAIS TARDE DERROTANDO OS AZUIS POR 7-0!

um «tiro» indefensável pôs termo a uma série de movimentos hesitantes de Duarte e de Sidónio, este último em perseguição de uma bola que teimava em escapar-se-lhe. A oito minutos do fim, Nunes marcou um canto com boa direcção e Vicente — sempre ele — pulou no momento oportuno, rematando com rapidez.

\*

Seis anos depois, em 28 de Março de 1954, em Braga, o «onze» minhoto derrotou estrondosamente o Belenenses por... 7-0.

Alinharam e marcaram: **Sporting de Braga** — Cesário; Antunes, A. Marques e Abel; Pinto Vieira e José Maria; Baptista (1) Velez, Corona (2), Gabriel (2) e Teixeira (2).

**Belenenses** — José Pereira; Rocha, R. Figueiredo e Serafim; Castela e Rebelo; Teixeira, Di Pace, Perez, Matateu e Benitez.

\*

Hoje teremos o 10.º jogo da série. Que resultado lhe estará reservado — folgado, como estes que evocamos, ou nivelado como muitos outros que figuram no «palmarés» dos dois clubes? Pouco falta para se saber...

## do primeiro jogo Belenenses-Braga

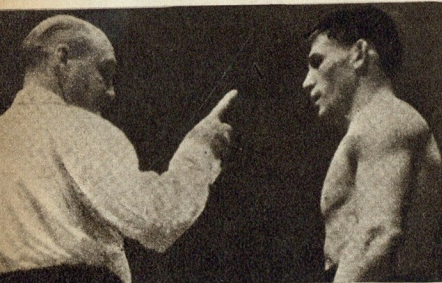
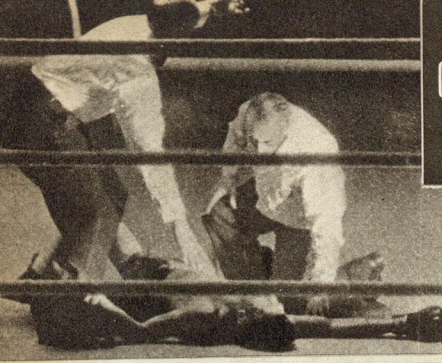


- 1) Uma bela e oportuna intervenção de António Marques
- 2) Narciso passa por entre Daniel e Marques, em perseguição do esférico
- 3) Cesário, com o equipamento enlameado, defende a soco
- 4) Vicente do Ó fecha a brilhante série de quatro golos, com um espectacular remate de cabeça
- 5) Gabriel — a figura n.º 1 do Braga-Belenenses dos 7-0



## O ÁRBITRO DE "BOX"

TEM DE SER GENEROSO,  
PEREMPTÓRIO E FORTE



Eugene Henderson, antigo praticante de pugilismo e árbitro da modalidade, publicou recentemente um livro em que descreve a sua vida de árbitro e de pugilista. Defende a prática do «box», mas com certas medidas a proteger os praticantes, como sejam evitar que os contendores, cheguem ao ponto de perderem a noção das coisas.

Segundo a opinião deste árbitro que entre outros encontros dirigiu o combate que terminou com a vitória de Randolph Turpin sobre Sugar Robinson, para o título mundial de médios, o boxe devia ser jogado em todas as escolas, sob orientação, porque dá a quem o pratica, as seguintes qualidades: confiança, energia, resistência de vontade, desenvolve a coragem e controla o receio.

Quanto às qualidades que o árbitro deve possuir são além dos seus profundos conhecimentos das lei, isenção de carácter, ser generoso e não deixar que se pratiquem deslealdade; ser enérgico, seja qual for os adversários que intervenham no combate, e por último ser suficientemente forte para poder dominar o praticante que não cumpra com as regras e se exceda.

**EM CIMA:** O árbitro deve ser generoso... Henderson chama um médico para assistir ao pesomosca Eric Marsden

**AO CENTRO:** Peremptório... — Henderson reproende o antigo campeão britânico de «médios» Johnny Sullivan

**EM BAIXO:** e forte — Henderson agarra pelo pescoço o americano Roland La Starza, quando este pugilista se preparava para socar o adversário, após o «gong» ter soado



Contra o Sarré, José Pedro marcou dois golos. Eis um deles

Ele apareceu no futebol quase sem fazer barulho. Chegou e jogou. No domingo seguinte, jogou e... viu. No outro ainda... jogou e venceu!

E logo a crítica falou de Zé. E logo o público se habituou ao seu nome.

Um nome que não era vulgar no futebol português, por mais José e por mais Pedros que existam na Terra. Mas ele tinha os dois juntos, o que reforçava mais ainda a sua popularidade. Quer dizer: José Pedro soava bem. Era nome de cartaz.

E depressa — mas muito depressa mesmo o José Pedro entrou no círculo das «estrelas».

E logo toda a Évora, todo o Alentejo, todo o País falou do rapaz. Que pés e que cabeça da sua pequena estatura! E que golos aqueles pés e aquela cabeça sabiam marcar!

\*

Pois é esse José Pedro, internacional e figura marcante do futebol luso, que nós entrevistámos para a «Crónica Desportiva».

\*

— De onde é natural, José Pedro? — perguntamos-lhe.

— De Mora. Sou alentejano de pura gema, como vê... e tenho muito orgulho nisso.

— Em que data nasceu?



Quando José Pedro subia a uma cadeira, para parecer mais alto...

— Em 10 de Abril de 1932...  
Dissemos-lhe:

— Caso curioso: V. nasceu na data em que, pela primeira vez, assistimos a um desafio de futebol.

Rimos ambos com a coincidência. Porque, ao contrário da lenda que diz serem todos os alentejanos pessoas dolentes e tristes, José Pedro é um rapaz amável, simpático, ridente.

— Até que idade viveu em Mora?

— Tinha 20 anos quando deixei a minha terra.

— De coração aberto?

— Feliz por um lado... triste por outro. Feliz porque ia ao encontro de uma vida nova... Triste, porque deixava atrás de mim muitas recordações, momentos alegres da minha infância, que ficam sempre na vida de cada um de nós.

— Como decorreram esses seus primeiros anos?

— Oh! se eu pudesse contar-lhe com a facilidade com que mo pergunta! No entanto, poderei dizer-lhe que não tenho de que me queixar. Uns momentos maus, depressa compensados com outros bons... e os dias corriam mais ou menos alegres, mais ou menos felizes...

— E a bola, qual era o papel dela na sua vida de criança?

— Ah! a bola, veio cedo instalar-se nos meus pensamentos. Desde miúdo. Quase a história de todos os outros, não é?

A gente começa a brincar e acaba a sério. Até porque na idade em que ela vem há outras distrações na vida de um garoto: o arco, o berlinde, o peão...

— Mas a bola venceu tudo, não é verdade?

— Sim, a bola tem, de facto, sobre a mocidade, uma atracção especial.

— A que atribui essa atracção?

— É difícil. O amor pela bola, é tão inexplicável como o amor por uma mulher.

Talvez o desejo de correr, de vibrar ou as ilusões que todos nós, quando notamos certa queda para o futebol, temos em ser, um dia, um «ás» do popular desporto, nos levem a dedicar-lhe uma atenção maior.

— Sentia em si essa paixão que diz o futebol originar na mocidade?

— Sim. Logo que compreendi o que era o futebol, foi uma loucura!

\*

... A entrevista continuou. José Pedro é um rapaz falador... e não custava nada perguntar. Então, interrogamos:

— Qual foi o seu primeiro clube?

— O Luso Morense, como não podia deixar de ser. Era o clube da minha terra e cedo depararam com as minhas habilidades. Sempre que podia, corria para o campo e quando apanhava uma bola a jeito, já se vê... era o fim do mundo!

— E qual foi a reacção dos seus familiares?

— Boa, verdadeiramente. De início, minha mãe não ficou lá muito animada com a ideia. Depois, habituou-se. Foi quando lhe começa-

No grupo morense, que venceu o campeonato regional da II Divisão da A. F. Évora, em 1950-51



Com grupos de amigos, no campo e na praia

ram a dizer que eu tinha para aquilo um certo jeitoinho...

— Que sentiu quando calçou pela primeira vez umas botas de futebol?

— Um peso imenso nos pés.

— Voltamos a rir, pois o caso não era para menos. E arriscamos:

— E a bola, também era pesada?

— Também, sim senhor! Mas a bola era a bola e só com o prazer de a termos à nossa inteira disposição nos sentíamos bem.

— Jogou muito tempo no Luso da sua terra?

— Uns seis anos, talvez...

\*

— Como foi parar ao Lusitano de Évora?

— Viram-me jogar. Parece que gostaram... e lá fui parar a Évora. Receberam-me bem. Não tive nunca, em tempo algum, a mínima observação a fazer à maneira como colegas, técnicos, dirigentes e público se comportaram para comigo.

— Ingressou, então no Lusitano em que categoria?

— Logo na equipa principal, pois a minha ida para o clube «verde-branco» alentejano coincidiu com a sua subida à 1.ª Divisão, na época de 1951-52.

— Não estranhou a mudança de clube, de ambiente, o próprio aumento de popularidade e por conseguinte de responsabilidade?

— Mentiria se dissesse que não. De início, no futebol como em todas as coisas da vida, os primeiros passos são sempre indecisos. Depois, a gente habitua-se...

\*

Como se sabe, a carreira de José Pedro foi fulgurante. Ele pode, realmente, orgulhar-se, de ter esperado pouco para ser internacional e, por conseguinte, de se guindar ao plano mais alto do futebol nacional.

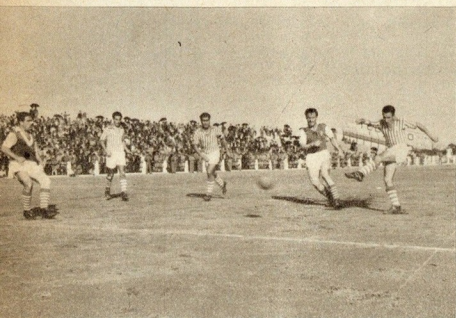
As suas exhibições, domingo a domingo, mereciam os louvores unâni-

Esperando que lhe passem a bola para bater o guardião barreirense...





... e bate mesmo, levando a bola até à baliza



EM CIMA: Num jogo em Évora, contra o Sporting de Braga

EM BAIXO: José Pedro nas Antas, fugindo à vigi-  
lância de Virgílio



mes da crítica. Não foi, pois, surpresa para ninguém ver aparecer um dia o nosso homem na lista dos seleccionados. Para ele, todavia, foi:

— Ao receber a primeira convocação para os treinos da turma nacional, qual a sua reacção?

— Devo dizer-lhe que, a par da muita satisfação que tal facto me deu, senti, também, algo de ansiedade...

— Pode explicar porquê?

— Vou tentar. A satisfação será talvez escusado exprimir, não acha? Outro qualquer no meu lugar o teria sentido!

A ansiedade — continuou — era produto de não saber o que o futuro nesse aspecto, me reservaria. Ser chamado aos treinos da equipa nacional dá já, ao jogador em questão, a ilusão, mesmo que ele não queira pensar no assunto, de que pode ir um pouco mais além. Por outro lado, o público começa logo a ver-nos com a equipa das «quinas». Ora isto é um dilema. Atroz, creia!

E suponha, que o jogador tem a infelicidade de não corresponder inteiramente? Nos treinos ou até nos jogos de campeonato?...

Já vê... não é assim tão fácil, não é assim tão simples...

— Bom, isso pode acontecer, de facto, mas consigo não acontecer. De maneira que tenho outra pergunta a fazer-lhe: Que espécie de alegria sentiu quando envergou a camisola das «quinas»?

— Não posso dizer-lhe, porque não tem explicação. É uma alegria extraordinária, compreende? E tão extraordinária, que nunca consegui explicá-la devidamente.

No entanto — frisou — ela foi ainda maior pela satisfação, direi mesmo felicidade e orgulho, que minha mãe sentiu. Para ela foi maior esse momento e isso deu-me um contentamento enorme.

— Quantas vezes foi internacional?

— Pela selecção «B» três vezes: Sarre, (6-1), Luxemburgo (3-1) e Áustria (1-2); militarmente joguei contra: França (2 vezes), Itália (2), Holanda (2), Grécia (1), Egipto (1), Turquia

(1); contra equipas «A» defrontei a Inglaterra (3-1) e a Turquia (3-1).

— Quantos golos marcou? — Na Selecção «B», quatro. Dois contra o Sarre e dois contra o Luxemburgo; na Militar, um contra Holanda e um contra a França.

— Qual o desafio que melhores recordações lhe deixou?

— Todos os jogos em que ganhámos. Mas, sem dúvida, o que mais felicidade me deu foi aquele em que vencemos a Inglaterra por 3-1. Que bela vitória essa... Jamais o esquecerei... Mesmo estando os ingleses em declínio, nessa altura, essa vitória soube-nos muitíssimo bem...

\*

Qual foi até hoje o clube nacional que encontrou mais difícil frente ao Lusitano?

— O F. C. Porto de duas épocas. Era, realmente, uma forte turma...

— E o jogador?

— Pires, defesa-direito de Belenenses. É um defesa duro, forte, que sabe apar bem o caminho ao extremo contrário.

\*

... Este rapaz desprezencioso, simples, modesto, que ficou o mesmo homem que sempre fora após as suas internacionalizações não tem sido, todavia, muito feliz na vida. O Destino caprichou em passar-lhe já várias rasteiras, algumas delas até de molde a fazerem perigar a sua própria existência.

Dois acidentes, um deles bastante grave, colocaram já José Pedro em maus lençóis. Por essa razão lhe perguntámos:

— Que pensou ao sofrer o acidente de que foi vítima?

— Nem me fale nisso! Claro, de princípio não pensei nada, porque nem pensar pude.

— Só depois...

— Ah! sim... depois é que soufri e é que pensei...

— Não nos diga, José Pedro, que temeu pela sua vida...



Golo pela certa, contra o Caldas



José Pedro no serviço militar

A caminho da Bélgica, onde conheceu a primeira internacionalização militar





Na Holanda, junto  
de Gonçalves, Vital  
e Luz

- E porque não?! O caso não era para menos.
- Então, diga lá, francamente, o que pensou...
- Já disse...
- Não, verdadeiramente, o José Pedro não disse nada. E com as suas evasivas só está a espicaçar a curiosidade dos nossos leitores...
- Bom... creia, eu cheguei a acreditar que morria, que não veria mais a minha querida mãe...
- E que não jogaria mais o futebol... ou nem sequer no futebol pensou?
- Então não havia de pensar? Pois encarei mesmo essa hipótese...
- Teria muita pena de um dia não mais poder jogar a bola por qualquer motivo?
- Se tinha! Para aqueles que fazem apenas do futebol uma maneira de ganhar a vida, é possível que não sintam como eu as alegrias que o futebol proporciona. Mas, comigo — e por certo com muitos outros — o caso é diferente. O futebol é para mim, mais do que um emprego. Desde que a bola me atraíu, eu não mais pude deixar de a amar. Vibro com o futebol por tudo o que ele tem de belo, de emocionante, de arrebatador e tudo nele me encanta. O entusiasmo das equipas em luta, o da mul-



Estágio da selecção  
militar



Jogo contra o Egipto, em Évora

tição, todo o barulho que ele origina me transtornam, quando em jogo. É um espectáculo fascinante!

\*

- Custa-lhe, portanto, ser espectador, não?
- Sim, prefiro jogar. Sinto-me em cena e isso galvaniza-me.
- Peço que prefere, com certeza, os encontros renhidos...
- Sem dúvida.
- Há jogadores que, como certos artistas ao entrar em cena, sentem, ao subir ao rectângulo, uma emoção especial... que lhes prende os movimentos nos minutos iniciais da partida. Dá-se, consigo, esse mistério?
- Agora já não. No começo da minha carreira, sim, transtornava-me um pouco à medida que a hora do desafio se aproximava e enervava-me. Mas esse tempo já já vai. É evidente, no entanto, que, nos dias dos grandes encontros, sinto a responsabilidade que nos pesa sobre os ombros. Mas só isso, agora...
- E já não é pouco! —  
atalhámos.

## A ficha de José Pedro

**Nome completo:** José Pedro Bileu.  
**Naturalidade e data do nascimento:** Mora, 10 de Abril de 1932.  
**Clubes representados:** Luso Morense, de 1950-51 a 51-52; Lusitano de Évora, desde 1952-53.  
**Internacionalizações:** 4 jogos. Contra Luxemburgo (estrela em 10 de Abril de 1955) Sarre e Austria-B, pela selecção B; Inglaterra, na selecção A (estrela em 22 de Maio de 1955). Marcou 4 golos na selecção B, dois contra o Luxemburgo e dois contra o Sarre.



preferível não me exigir que lhe dê essa explicação! ... Concordamos. E compreendemos. Há pessoas que preferem guardar para si as emoções que sentem. É segredo seu, E nem tudo interessa ao leitor saber! Ou melhor: nem tudo interessa ao entrevistado revelar.

\*

Que fará um jogador de futebol quando não treina, durante a semana? É uma pergunta que moi o pensamento a muita gente. E, como estamos, na presença do José Pedro, ao serviço do público, isto é, dispostos a calar a sua nunca satisfeita curiosidade, perguntamos ao nosso interlocutor em que empregava as suas horas vagas.

— Em tanta coisa! — respondeu-nos — Mas leio bastante porque gosto de ler e a leitura instrui. Costo de cinema, de música... e descanso.

**Os três jogadores do Lusitano que serviram a selecção militar: José Pedro, Vital e Falé**



E depois...

— Ah, esquecia-me de uma outra coisa: quando não jogo ou não treino... penso muito no desafio que se aproxima.

— E o tempo passa depressa?

— Conforme! Uma s vezes parece um foguete... outras um caracol.

\*

Naturalmente que o José Pedro, como internacional e jogador categorizado e jovem que é, deve ter sido alvo de numerosas propostas de clubes vários.

A nossa pergunta, ele respondeu prontamente:

— Já tive quatro propostas. Do Sporting, do F. C. Porto, do Torriense e do Benfica...

— E não lhe agradou mudar de ares?

— Lá agradar... agradava! Simplesmente, a coisa não se proporcio-nou.

— Teve pena?  
— Tive... para que mentir? Já tive ocasião de frisar que fui bem tratado em Évora e que sempre lá me senti bem! Mas gostava de jogar num dos três «grandes» que apontei há pouco. Sempre queria tentar a minha «chance». Todos nós temos direito a tentá-la. Não acha?

Voltamos a concordar.

E continuamos o diálogo:

— Que mais deseja, agora, neste princípio de época, que, tudo parece, se adivinha extraordinariamente «rennida»?

— Antes de mais nada saúde. Sem ela, não terei gosto para me entregar ao futebol com a alegria que é necessário possuir-se.

— Em seguida?  
— Não ter mais o Diabo no caminho da minha vida, pois já sofri bastante.

— E voltou a «brilhar em grande plano, para recuprar o seu antigo posto na equipa nacional, não é verdade?»

— Sim... estou desejeoso de voltar à minha antiga forma, pois tenho saudades da camisola das Quinas e das grandes multidões.

— Julga-se com possibilidades de voltar a envergá-la?

— Sou novo e se tiver sorte ainda estou a tempo de reencontrar o caminho do qual fui obrigado a perder-me.

— Isso chama-se confiança e optimismo...

— Concordo. Mas permita-me que lhe diga que esse optimismo não é exagerado. Há que trabalhar muito, quando um jogador perde um lugar e deseja reconquistá-lo. E será bom não esquecer, que, apesar do muito que se diz, o futebol nacional está repleto de óptimos jogadores e todos eles aguardam uma oportunidade.

— Em suma, José Pedro... Você acha-se com disposição e moral para fazer uma época em cheio, não é assim?

— Esses são os meus desejos. Tudo depende do curso que o Destino queira dar à minha carreira.



**Almoçando com Faia, Vital, Coluna, Sarmento e Malícia**

**Ouvindo as instruções do treinador Severiano Correia, num treino**





Recebendo as felicitações do seleccionador Dr. Tavares da Silva, depois do jogo com o Luxemburgo, em que José Pedro marcou dois golos

NO PRÓXIMO NÚMERO  
A HISTÓRIA

de RAUL FIGUEIREDO

O FILHO DO FAMOSO  
«TAMANQUEIRO»

... E entre dezenas de curiosidades:  
Imagens dos duelos Belenenses Sporting  
ao longo de um quarto de século de cam-  
peonatos.

MANUEL ANTÓNIO  
CALDEIRA

*Naturalidade e data do nascimento:* Vila Real de Santo António, 14 de Dezembro de 1926.

*Clubes representados:* 1944-45 a 49-50 — Lusitano V. R., desde de 1950-51 — Sporting.

*Estreia internacional:* 19 de Dezembro de 1954, contra a Alemanha, em Lisboa.

*Internacionalizações:* 3. Contra: Alemanha, Escócia e Inglaterra.

DOMICIANO BARROCAL  
GOMES (CAVEM)

*Naturalidade e data do nascimento:* Vila Real de Santo António, 21 de Dezembro de 1931.

*Clubes representados:* 1951-53 — Lusitano V. R.; 1953-54 a 54-55 — Sporting da Covilhã; 55-56 — Benfica.

*Estreia internacional:* 24 de Março de 1957, contra a França, em Lisboa.

*Internacionalizações:* 3. Contra: França, Irlanda do Norte e Itália.

CARLOS AUGUSTO RIBEIRO  
CANÁRIO

*Naturalidade e data do nascimento:* Portalegre, 10 de Fevereiro de 1918.

*Clubes representados:* 1932-33 a 37-38 — S. C. Estrela; 1938-39 a 51-52 — Sporting de Portugal.

*Estreia internacional:* Em 3 de Maio de 1947 na selecção B, e 23 de Maio de 1948, contra a Irlanda, em Lisboa.

*Internacionalizações:* 11. Contra: Irlanda 2, Itália 2, Gales 2, Inglaterra, Escócia, Espanha e França B. Capitão neste último.

FÉLIX DE ASSUNÇÃO  
ANTUNES

*Naturalidade e data do nascimento:* Barreiro, 14 de Dezembro de 1922.

*Clubes representados:* 1938-39 a 40-41 — G. D. Cuf do Barreiro; 1941-42 a 45-46 — G. D. Cuf de Lisboa; 1946-47 a 53-54 — Benfica; 1954-55 — Torreense.

*Estreia internacional* — 20 de Março de 1949, contra a Espanha, em Lisboa.

*Internacionalizações:* 15. Contra: Espanha, 3, Inglaterra 2, Áustria 2, Gales 2, Irlanda, Escócia, Itália, Bélgica, França e Argentina.





(CAVEM)



MANUEL CALDEIRA

